

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP CAV LEANDRO ZAMITH CONTIERI

A IMPORTÂNCIA DA DEFESA PARA A HISTÓRIA DO BRASIL: AS CONSEQUÊNCIAS DA BATALHA DE TUIUTI PARA O EXÉRCITO BRASILEIRO



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP CAV LEANDRO ZAMITH CONTIERI

A IMPORTÂNCIA DA DEFESA PARA A HISTÓRIA DO BRASIL: AS CONSEQUÊNCIAS DA BATALHA DE TUIUTI PARA O EXÉRCITO BRASILEIRO

Trabalho acadêmico apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito para a especialização em Ciências Militares com ênfase em Gestão Operacional



MINISTÉRIO DA DEFESA EXÉRCITO BRASILEIRO DECEX - DESMII

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS (EsAO/1919)

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: Cap Cav LEANDRO ZAMITH CONTIERI

Título: A IMPORTÂNCIA DA DEFESA PARA AHISTÓRIA DO BRASIL: AS CONSEQUÊNCIAS DA BATALHA DE TUIUTI PARA O EXÉRCITO BRASILEIRO

Trabalho Acadêmico, apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção da especialização em Ciências Militares, pós-graduação universitária lato sensu.

| APROVADO EM_ | / | / | CONCEITO: |
|--------------|---|---|-----------|

BANCA EXAMINADORA

| Membro | Menção Atribuida | |
|---|------------------|--|
| DIEGO MORAIS DUARTE - TC Cmt Curso e Presidente da Comissão | | |
| ROGÉRIO GUTIERREZ DE MELO - Cap 1º Membro | | |
| THIAGO DE SOUZA GONÇALVES- Cap 2º Membro e Orientador | | |

LEANDRO ZAMITH CONTIERI – Cap

Aluno

A IMPORTÂNCIA DA DEFESA PARA AHISTÓRIA DO BRASIL: AS CONSEQUÊNCIAS DA BATALHA DE TUIUTI PARA O EXÉRCITO BRASILEIRO

LEANDRO ZAMITH CONTIERI* THIAGO DE SOUZA GONÇALVES**

RESUMO

O presente estudo procurou analisar a importância da defesa para a história do Brasil, buscando identificar as consequências da Batalha de Tuiuti para o Exército Brasileiro. Foi realizado uma pesquisa bibliográficas em estudos e trabalhos existentes, com o objetivo de identificar como era estruturado o Exército Brasileiro até a Guerra da Tríplice Aliança e qual a importância dele dentro da sociedade vigente à época. Procurou-se, também, analisar como foi realizada a mobilização e preparação do Exército para o combate. Por fim foi feita uma análise de como decorreu-se a Batalha de Tuiuti e qual a sua relevância para o desenrolar da Guerra. Observou-se que o Exército Imperial encontrava-se extremamente desestruturado desde a Independência do Brasil e que isso ocasionou alguns problemas logísticos que influenciaram na duração do combate. Porém graças ao arrojo e bravura dos comandantes militares brasileiros o exército aliado logrou êxito, até a chegada de Caxias, que revolucionou e reestruturou todas as forças aliadas.

Palvras-chave: Guerra da Tríplice Aliança. Batalha de Tuiuti. Caxias.

ABTRACT

The present study sought to analyze the importance of defense for the history of Brazil, seeking to identify the consequences of the Battle of Tuiuti for the Brazilian Army. Bibliographic research was carried out on existing studies and works, with the objective of identifying how the Brazilian Army was structured until the War of the Triple Alliance and its importance within the society in force at the time. It also sought to analyze how the Army's mobilization and preparation for combat was carried out. Finally, an analysis was made of how the Battle of Tuiuti took place and its relevance to the course of the War. It was observed that the Imperial Army had been extremely unstructured since the Independence of Brazil and that this caused some logistical problems that influenced the duration of the combat. However, thanks to the boldness and bravery of the Brazilian military commanders, the allied army was successful until the arrival of Caxias, which revolutionized and restructured all the allied forces.

Keywords: War of the Triple Alliance. Battle of Tuiuti. Caxias

^{*} Capitão da Arma de Cavalaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2011.

^{**} Capitão da Arma de Cavalaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2010. Pós-graduando em Ciências Militares pel Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 2019.

1. INTRODUÇÃO.

Este artigo busca analisar os acontecimentos do continente sul-americano da segunda metade do século XIX que culminaram com a Guerra da Tríplice Aliança.

A Guerra da Tríplice Aliança foi um conflito sul-americano que colocou o Paraguai contra as maiores potências regionais da época (Brasil e Argentina), que aliados ao Uruguai formaram a Tríplice Aliança, dando nome ao conflito.

O Paraguai desde sua independência encontrava-se isolado dos demais países do continente. Após a metade do século XIX, o Paraguai buscou meios de aumentar sua influência na região e para isso necessitava de um meio de escoar sua produção pelo mar, o que tornava-se um problema, haja vista que não possuía um porto marítimo, tendo que escoar suas produções pelos portos de seus países vizinhos, Brasil, Argentina e Uruguai.

Dentro da Guerra da Tríplice Aliança, que foi o maior conflito transfronteiriço do continente sul-americano, houveram inúmeras batalhas, dos quais destacaremos a Batalha de Tuiuti, por ter sido a maior batalha campal do continente e pela sua importância no decorrer da Guerra.

Governavam os países beligerantes à época as seguintes personalidades históricas. No Paraguai Francisco Solano López herdara o governo de seu pai Carlos Solano López. Na Argentina Bartolomeu Mitre governava desde 1862. No Uruguai, Venâncio Flores acabava de subir ao poder após a coalisão formada pelo Brasil, Argentina e o partido colorado do Uruguai derrotarem o então presidente *blanco* Atanásio Aguirre, aliado de Francisco Solano López. Por fim, no Brasil Dom Pedro II reinava desde 1831.

Primeiramente será feita uma analise dos fatores que levaram os países ao conflito, para isso veremos qual era a conjuntura política sul-americana no Séc XIX. Faremos uma análise de como estava constituído o Exército Imperial após a independência do Brasil, qual a importância dele dentro da sociedade brasileira e quais as funções que eram atribuídas as forças imperiais antes da Guerra da Tríplice Aliança. Por fim veremos como se decorreu o conflito, com foco na Batalha de Tuiuti, como as tropas aliadas movimentaram-se até chegar em Tuiuti, as fases da Batalha, e as decisões tomadas pelos comandantes, os resultados que delas surgiram, como a imagem dos líderes brasileiros ficaram após a Batalha e consequências para o Exército Brasileiro.

1.1 PROBLEMA

A Batalha de Tuiuti foi a mais sangrenta das batalhas ocorridas no continente sul-americano. Para essa Batalha milhares de militares de ambos os lados foram empregados, ocasionando um grande número de mortes tanto do lado aliado, quanto do lado paraguaio. A vitória aliada em Tuiuti foi determinante para que os aliados passassem a ditar o curso das batalhas, uma vez que obrigou Solano Lopez a recuar e adotar uma postura defensiva devido à quantidade de baixas que seu exército teve na Batalha. Além desta importante mudança de postura dos dois lados, quais foram as consequências da batalha de Tuiuti para o Exército Brasileiro no cenário de pós-conflito?

1.2 OBJETIVOS

Com o intuito de entender a evolução sofrida pelo Exército Brasileiro o presente estudo pretende apresentar as consequências que a Batalha de Tuiuti trouxe para o Exército Brasileiro após o término dos conflitos da Guerra da Tríplice Aliança.

Para viabilizar a consecução do objetivo geral de estudo, foram formulados os objetivos específicos, abaixo relacionados, que permitiram o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo:

- a) Entender o contexto histórico vigente à época;
- b) Entender os fatos que levaram à guerra;
- c) Apresentar como era constituído o Exército Imperial antes da Guerra da Tríplice Aliança;
- d) Entender como desenrrolou-se a Batalha de Tuiuti no contexto da defesa; e
- e) Identificar as consequências da Batalha de Tuiuti para o Exército Brasileiro num cenário de pós-conflito.

1.3 JUSTIFICATIVAS

O tema a ser analisado é um tema histórico ocorrido a mais de 150 anos atrás. Por se tratar de parte importante da história Brasileira e ser um dos responsáveis pela formação do território nacional como conhecemos nos dias atuais, foi e continua sendo alvo de estudos e trabalhos no meio acadêmico. O tema foi escolhido devido à importância que a Batalha de Tuiuti teve para o desenvolvimento da Guerra da Tríplice Aliança e consequentemente para o Exército Brasileiro. O resultado do conflito foi determinante para as delimitações

dos limites geográficos e para as formações dos países como conhecemos nos dias atuais. Com o término da Guerra o Brasil saiu fortalecido militar e politicamente perante os demais países do continente sul-americano. Internamente, diversas foram as consequências do conflito.

A Guerra da Tríplice Aliança contribuiu para o processo de abolição da escravatura, já que durante os conflitos, grande parte dos soldados pertencentes aos Batalhões de Voluntários da Pátria eram escravos enviados nos lugares de seus senhores. Esses escravos lutaram lado a lado com os militares brasileiros, que ao retornarem para o Brasil passaram a apoiar os movimentos abolicionistas.

No campo militar a doutrina militar terrestre vigente à epoca remontava às guerras da época da colonização, quando grandes exércitos ficavam frente a frente e combatiam em campos abertos. Com os conflitos da Tríplice Aliança observou-se que a doutrina militar terrestre do Exército Imperial estava defassada em relação ao Exército Paraguaio e necessitava de atualizações, em diversas áreas, tais como manobra, inteligência e logística.

Por fim, no campo político, o Exército Brasileiro, desde a independência do Brasil, esteve relegado à segundo plano e viu as Guardas Nacionais ganharem cada vez mais importância como força bélica, capaz de atuar tanto nos conflitos internos quanto nos externos. Porém com o início da guerra e durante todo o desenrrolar da mesma ficou claro que, para uma nação que almejava ter influência sobre as demais do continente era necessária uma Forças Armadas sólida, treinada, equipada, permanente e que estivesse sob o comando do Estado. Não foi somente a instituição Exército Brasileiro que ganhou destaque com a Tríplice Aliança e principalmente com a Batalha de Tuiuti, os principais comandantes das tropas Imperiais também destacaram-se e saíram extremamente fortalecidos dentro e fora das fileiras do Exército Brasileiro, sendo reconhecidos pelos seus feitos e honrados com os títulos de patronos das diversas armas do nosso Exército, motivo este pelo qual a Batalha de Tuiuti acabou conhecida como a "Batalha dos Patronos".

2. METODOLOGIA

O tema proporciona um acervo incomensurável sobre o assunto, reunindo inúmeros livros, artigos científicos e publicações periódicas, fazendo com que tenha uma vasta gama de fontes bibliográficas. Tendo em vista o tamanho do acervo existente a pesquisa a ser desenvolvida será bibliográfica no que tange

aos procedimentos técnicos. Quanto à abordagem do problema será realizada uma pesquisa qualitativa sobre o tema. Já quanto aos obejtivos gerais será realizada uma pesquisa exploratória.

Haja vista que o tema é um assunto histórico torna-se impreterível que, para que conheçamos os fatos e possamos levantar os dados bibliográficos, façamos uso dessas inúmeras fontes já existentes. Após os levantamentos bibliográficos dos fatos antecedentes à Guerra da Tríplice Aliança e mais precisamente da Batalha de Tuiuti, identificaremos quão importante foi essa Batalha para o Exército Brasileiro e quais foram as consequências que dela originaram-se, para o próprio Exército e para o Brasil, como nação.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

2.1.1 Contexto histórico do século XIX

Para entender os fatos que levaram ao maior conflito bélico da América do Sul, primeiro precisamos entender o contexto histórico mundial e principalmente sul-americano existente à época do conflito.

Segundo Cavalcanti (2018) no início do Séc XIX a Europa passava por um momento conturbado devido as Guerras Napoleônicas. Durante esses conflitos, Napoleão Bonaparte destronou diversos reis que não concordaram em subjugar seus reinos ao domínio francês.

Para Cavalcanti (2018), ao negar subjugar a Espanha ao domínio da França, o Rei Fernando VII, então rei da coroa espanhola, foi destronado por Napoleão Bonaparte, que colocou em seu lugar o seu primo José Bonaparte. Os criollos (filhos de espanhóis nascidos na América) não reconheceram o poder do novo mandatário da Coroa Espanhola e criaram as Juntas Governamentais, nas diversas colônias espanholas no continente americano, com o intuito de aumentar a autonomia do poder dos governos das colônias em relação à coroa Espanhola. Após a derrota de Napoleão Bonaparte em 1815 Fernando VII retomou à coroa espanhola e buscou reassumir o controle sobre suas colônias americanas, o que ia de encontro aos interesses das novas juntas governamentais. Esse movimento foi o estopim para que as colônias e os Vicereinados buscassem suas independências da Coroa Espanhola.

Conforme Lacerda (2015) o Vice-reino do Prata era constituído pela Argentina, Uruguai e Paraguai. Após a sua independência em 1811 o Paraguai isolou-se dos demais países do continente a fim de evitar uma dominação por parte da Argentina. Contudo, devido a sua localização geográfica central no

continente sul-americano, o Paraguai não possuía uma saída direta para o mar, dificultando o comércio com países que não fossem vizinhos. A necessidade de ampliação do contato com o exterior encontrava um obstáculo no presidente argentino Juan Manuel de Rosas que se recusava a reconhecer independência paraguaia e dificultava seu comércio exterior, ao controlar a navegação do rio Paraná. Para o Império brasileiro a liberação da navegação na região do Prata atendia aos seus interesses, uma vez que o acesso, por meio fluvial, ao Mato Grosso era feito pelo Rio da Prata, além do que a aproximação brasileira com o Paraguai atendia à política do governo imperial de buscar isolar Rosas, no Prata.

Lacerda (2015), diz que após sua abertura política, o Paraguai manteve boas relações com o Brasil Imperial. Contudo, com o intuito de aumentar sua influência política na América do Sul a partir do início da década de 1860, o governo paraguaio buscou ter uma participação mais ativa nos acontecimentos platinos, apoiando o governo uruguaio de Aguirre, que por sua vez era hostilizado pela Argentina e pelo Império Brasileiro, o que o fez entrar em rota de colisão com seus dois maiores vizinhos.

2.1.2 Causas do conflito

Segundo Lacerda (2015) o Ditador Paraguaio, Carlos Solano López, pai de Francisco Solano López, não via com bons olhos o interesse brasileiro na livre navegação do Rio da Prata, pois entendia que dessa forma, o Império teria condições de fortalecer militarmente a província de Mato Grosso, indo contra os interesses de seu país na região. Com a finalidade de dificultar a navegação de navios brasileiros, as autoridades paraguaias obrigavam os navios a passarem por Assunção, mesmo após a assinatura de um tratado entre o Império brasileiro e o Paraguai em 1856 garantindo a livre navegação dos navios brasileiros por águas paraguaias, tratado este que postergou por 6 anos a discussão sobre as fronteiras naquela região.

Cancian (2006) explica que o ditador paraguaio Francisco Solano López tinha como objetivos da sua política expansionista ampliar o território paraguaio e conseguir uma saída para o mar, fornando assim o Grande Paraguai. Para conseguir atingir o primeiro objetivo Solano López visava anexar parte do território argentino e parte das províncias brasileiras do Rio Grande do Sul e de Mato Grosso. Para conseguir a sua saída para o mar, o ditador paraguaio traçou como meta conquistar o porto de Montevideo e para isso precisava aproximarse do Uruguai, que acabara de se emancipar do Império Brasileiro.

Ainda segundo Cancian (2006) o governo Imperial envolveu-se num conflito no Uruguai em 1864, com o intuito de derrubar o presidente uruguaio Aguirre, líder do partido *Blanco* e aliado de Solano López, atrapalhando os interesses do ditador paraguaio de conseguir sua saída para o mar através do porto de Montevidéu

Segundo Barroso (1938) em represália à intromissão brasileira no Uruguai, Solano López ordenou, em 11 de novembro de 1864, que o navio brasileiro Marquês de Olinda fosse intercetado pelo vapor de guerra paraguaio Taquari e conduzido de volta à Assunção, onde foi ocupado militarmente, tendo seus tripulantes e passageiros sido aprisionados e tudo que havia a bordo confiscado. O marquês de Olinda tinha como destino final província de Mato Grosso e transportava o governador daquela província, coronel Carneiro de Campos, alguns funcionários e dinheiro do Estado Brasileiro.

Para Lacerda (2015) Solano López entendia que o Brasil havia declarado guerra ao seu país ao invadir seu aliado Uruguai em 1864, fato este demonstrado pela prisão do navio Marquês de Olinda. Após 4 dias da prisão do navio brasileiro Solano López iniciou a invasão ao território brasileiro atacando Mato Grosso. Na sequência invadiu o Rio Grande do Sul, por São Borja com suas tropas que encontravam-se concentradas em Encarnación, as margens do Rio Paraná.

2.1.1 Antecedentes da guerra

2.1.1.1 Organização do Exército Imperial antes da Tríplice Aliança

Para Ferrer (2005), a independência do Brasil em 1822 trouxe consigo um pensamento que o Exército Imperial era uma ameaça ao novo sistema de governo, haja vista a grande quantidade de portugueses junto ao oficialato e sem contar que os soldados eram vistos como arruaceiros e indisciplinados, já que haviam participados de motins durante o período regencial. Devido a esse pensamento e ao alto custo de se manter um Exército profissional permanente foi criada em 1831 a Guarda Nacional:

"(...) governo imperial criou, em 1831, a Guarda Nacional, que era 'quase totalmente autofinanciado e constituía-se num baratíssimo mecanismo de controle da população, e, no final dava até lucros através da venda de patentes de oficiais'. Dessa forma, podemos inferir que a força militar em questão não tinha relevância para o Império antes de 1864, ocupando lugar absolutamente destituído de significado na sociedade." (FERRER, 2005, p.122)

Ferrer (2005) ressalta que com o passar dos anos a importância da Guarda Nacional aumentou consideravelmente de forma que na segunda

metade do Séc XIX ela esteve presente em todos os conflitos do Império e era responsável, juntamente com o Exército, na defesa das fronteiras e costas. Essa divisão da força dava aos senhores de terras um poderio bélico particular para que eles as empregassem conforme os seus interesses, sem contar que não havia uma unidade de comando e uma padronização de uniformes e armamentos:

"Seguindo essa perspectiva o Rio Grande do Sul possuía um determinado 'perfil militar': 'todos lutavam, consequentemente por um objetivo direto defendiam o que era seu ou aquilo que pretendiam apossar-se, sendo problema militar o cotidiano, o constante, ou seja, a própria substância de existência.' " (FERRER, 2005, p. 123)

Ferrer (2005) salientou que o descaso do Governo Imperial com o Exército, em relação às Guardas Nacionais, antes do início dos conflitos, acabou por deixar o Exército desaparelhado, sem homens, armamentos, víveres e uniformes suficientes e em condições de batalhar:

"Não possuía em armas efetivos bastantes e, habituados às guerras nas planícies do sul, suas forças eram inadequadas a uma luta armada da natureza e do vulto da que tinha de enfrentar. Faltava-lhe quase tudo, efetivos, armamentos, organização e até instrução militar em dia com os progressos da arte da guerra. (...) Fizeram-se aquisições de última hora no estrangeiro(...)." (AMARAL, 2017, p. 6, apoud MAGALHÃES, 1998, p. 289)

Segundo Amaral (2017), outra consequência da desassistência do Governo refletia-se na quantidade de homens que compunham as fileiras do Exército. Devido aos conflitos na Republica do Uruguai, a força militar que lá encontrava-se, e que viria a compor o I Corpo de Exército, estava extremamente desgastada:

"Somando-se todos os efetivos espalhados pelas extensas fronteiras do país, atingia o efetivo total do Exército o quantitativo de pouco mais de 18.000 (dezoito mil) homens [...], encontrava-se a maior parte do Exército desde 10 de agosto de 1864 envolvido na campanha militar contra Aguirre. " (AMARAL, 2017, p. 6).

Para Amaral (2017), o Exército Imperial não possuía uma reserva capaz de ser acionada e deslocada para o Teatro de Operações, com isso, a solução encontrada pelo governo Imperial foi a de convocação das Guardas Nacionais e das Polícias Militares, além da criação do Corpo de Voluntários da Pátria.

Segundo Ferrer (2005) a convocação das Guardas Nacionais não agradou alguns dos comandantes pois eles tinham receio de desguarnecer as suas províncias, além do temor de que elas fossem incorporadas as fileiras do Exército, uma vez que para a população livre, servir ao Exército era um dos maiores castigos que alguém poderia sofrer:

"A sociedade do período Imperial não concedia ao militar 'nenhum lugar de destaque, sua importância individual ou de classe era reduzida'. Dessa forma, o Exército era percebido pela sociedade brasileira como depositário de desqualificados, desocupados, delinqüentes e vagabundos, os quais eram recrutados na sociedade para receberem disciplina em total isolamento, com castigos corporais, até que pudessem conviver em comunidade, sendo bastante comum que 'o preso fosse conduzido ao quartel e nele conservado em segurança até que a disciplina o constituísse em estado de lhe facultar maior liberdade'." (FERRER, 2005, p. 128)

A criação do Corpo de Voluntários da Pátria se deu pelo Decreto Lei no 3.371 de 7 de janeiro de 1865 assinado pelo Imperador da Brasil, Dom Pedro II, conforme mostrado por Ferrer (2005), e como forma de incentivar o alistamento voluntário foram oferecidas diversas vantagens, como pagamentos de bonificações, concessão de terras, pensões por invalidez ou morte entre outras. Durante o primeiro ano da Guerra o alistamento nos corpos de voluntários logrou certo êxito, devido às vantagens oferecidas e ao sentimento de patriotismo da população: "De início, houve uma pronta resposta de cerca de 10.000 voluntários, sobretudo nas províncias do Rio Grande do Sul(cavalaria), Bahia, Pernambuco, Ceará, Maranhão e Rio de Janeiro (infantes)" (AMARAL, 2017, p.7).

Contudo, após o ano 1866, Oliveira (2014) ressalta que os números de alistamentos não eram suficientes para suprir a demanda da linha de frente, fazendo com que o Governo passasse a exigir das províncias uma cota de "voluntários" a serem enviados à linha de frente. A fim de escapar dos alistamentos os mais aquinhoados buscaram outras formas de compensar as convocações, "os aquinhoados faziam doações de recursos, equipamentos, escravos e empregados para lutarem em seu lugar; os de menos posses alistavam seus parentes, filhos, sobrinhos ou agregados;" (OLIVEIRA, 2014). Dessa forma grande parte dos Batalhões de Voluntários da Pátria eram compostos por escravos, cedidos para combater no lugar dos donos ou fugidos das fazendas com intenção de alcançar a alforria:

"E essa prática, de usar escravos para lutarem no nome de seus proprietários, acabou virando uma prática recorrente e uma alternativa para os brasileiros que não queriam lutar. O império, então, passou a prometer alforria para os que se apresentassem para a guerra. Isto fez com que escravos fugissem sós ou em bandos das fazendas, e se apresentassem aos recrutadores com nomes falsos, para despistar seus senhores , mesmo com o governo fazendo vista grossa."(OLIVEIRA, 2014)

2.1.1.2 Invasão paraguaia

Segundo Lacerda (2015), a invasão paraguaia ao Mato Grosso não foi uma decisão impensada e impulsiva de Solano Lopez, pelo contrário, desde 1862 ordenou que fossem realizadas incursões com o intuito de levantar informações sobre valor das tropas na região e sobre o terreno, estradas e rios que pudessem ser utilizadas durante a invasão. Essas incursões tinham como estória de cobertura desde de visitas de militares paraguaios à instalações militares à viagens de "fazendeiros" com a finalidade de adquirir terras no estado:

"O Paraguai preparou adequadamente a invasão do Mato Grosso, precedida pelo levantamento de informações por espiões. Em 1862, uma patrulha de cavalarianos paraguaios percorreu o distrito de Miranda. No ano seguinte, em abril, chegou a Corumbá o Tenente André Herreras, da Marinha Paraguaia, que foi recepcionado pelo comandante da guarnição militar brasileira, e visitou, em seguida, o porto de Dourados, na margem do rio Paraguai. Dois anos depois, Herreras voltaria a essa região, no comando do navio Iporá, pertencente à força invasora. Em novembro de 1863, o Coronel paraguaio Francisco Isidoro Resquín desembarcou em Corumbá, disfarçado de fazendeiro interessado em comprar terras no município de Miranda, para onde se dirigiu. Em seguida foi a Nioaque e contratou um guia brasileiro para percorrer a região. Resquín retornou a Corumbá somente em fevereiro do ano seguinte; meses depois, ele comandava a força invasora do território matogrossense." (LACERDA, 2015, p.167)

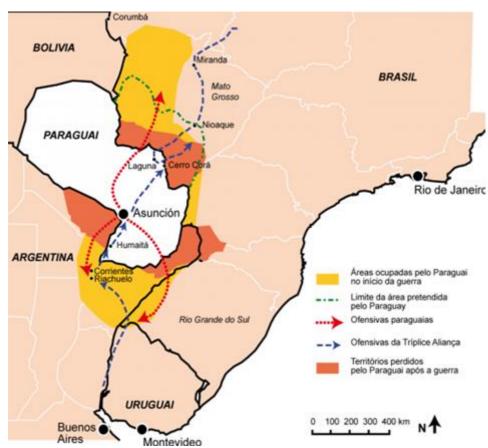


FIGURA 1 – Ofensiva Paraguaia

Fonte: Terra Brasilis

A invasão à Mato Grosso teve início nos dias 22 e 24 de dezembro de 1864, quando, para Lacerda (2015), duas expedições, uma oriunda de Assunção como destino ao Forte Coimbra através rio e a outra saindo de Concepción com o destino final em Coxim através terra.

Segundo conta Lacerda (2005), a primeira coluna, comandada pelo Coronel Vicente Barrios, com um efetivo de 5 mil homens e 10 navios, chegou ao Forte Coimbra após 4 dias de viagem de Assunção. Mesmo guarnecido por apenas 115 homens, os militares do Forte Coimbra ofereceram combate as tropas paraguaias e se negaram se renderem, apesar das investidas do comandante paraguaio. Apesar dos esforços do Coronel Portocarrero, militar mais antigo presente no momento dos ataques, as tropas existentes no forte não tinham condições de fazer frente ao exército de Solano Lopez e por isso no dia 28 de dezembro, após resistir por dois dias às investidas do Coronel Barrios o Coronel Portocarrero ordenou a evacuação do forte com destino à Corumbá, utilizando para isso o vapor Anhambaí. Os materiais apreendidos em Forte Coimbra foram transportados para o Paraguai a fim de fortalecer as instalações lá existentes: "Ao tomar Coimbra o Exército Paraguaio apreendeu 50 canhões que foram levados para a Fortaleza de Humaitá e passaram a formar a Bateria Coimbra." (GAZOLA, 2017, p. 18)

Lacerda (2005) nos mostra que a coluna originária de Concepción comandada pelo Coronel Resquín dividiu-se em duas. Uma, sobre o comando de Resquín, com destino a Bella Vista e outra, sobre o comando do Capitão Martín Urbieta, com destino à um antigo forte paraguaio onde hoje encontra-se a cidade de Ponta Porã, seguindo na sequência em direção à Colônia Militar de Dourados. Esta colônia era guarnecida por apenas 18 militares. Entre eles estava o Tenente Antônio João Ribeiro, que vendo impossibilidade de deter o avanço da tropa inimiga ordenou aos colonos que fugissem, não sem antes mandar que um mensageiro levasse uma carta a seu comandante, o Coronel Dias da Silva, com a seguinte frase: "sei que morro, mas o meu sangue e dos meus companheiros servirá de protesto solene contra a invasão do solo de minha pátria".

Em decorrência dos conflitos contra Aguirre no Uruguai, Gen Osório encontrava-se acampado com cerca de 9.400 homens do Exército Imperial. Esta tropa estava desgastada pois acabava de sair de um conflito, nos arredores de Montevideo. Lacerda (2005) relata que para enfrentar as tropas de Osório,

Solano Lopez ordenou que fosse realizada uma marcha com a intuito de encontrar e combater o Exército Imperial. A tropa paraguaia que marchava em direção ao Uruguai estava fortalecida com os espólios de guerra adquiridos na invasão à Mato Grosso.



FIGURA 2 – Invasão à Mato Grosso

Fonte: Gazola, 2017

Lacerda (2005) também nos diz que para chegar até o Uruguai, Solano Lopez pretendia cruzar o território argentino na altura de Corrientes e para isso solicitou ao presidente argentino Bartolomeu Mitre permissão para realizar a travessia. Mitre, contudo, negou o pedido pois não queria perder sua neutralidade no conflito. Com e negativa de seu pedido Lopez decidiu invadir Corrientes e tomar

seu porto e os navios que lá encontravam-se, obrigando Mitre a declarar guerra à Solano Lopez.

"Foi em *Buenos Aires* que o Tratado da Tríplice Aliança foi assinado e nele buscou-se deixar claro que os aliados não combateriam ao Paraguai, mas sim o governo de Francisco Solano López. Em 1o de Maio de 1865 representantes do governo brasileiro, uruguaio e argentino concretizaram a coalizão para combater a tirania do ditador paraguaio." (GAZOLA, 2017, p. 20)

Gazola (2017), relata que para não perder o ímpeto do ataque e seguir com seus plano, Solano Lopez ordenou que uma coluna composta por 9 mil homens, comandada pelo Cel Estigarríbia, marchasse em direção à São Borja, ocupando-a após uma semana de embates. Ao mesmo tempo em que Estigarríbia invadia São Borja, uma segunda coluna, esta comandada pelo Major Pedro Duarte, com 3 mil homens, seguia em direção a Paso de los Libres. Contrariando as ordens de seu presidente, Estigarríbia seguiu para o sul com o intenção de unir-se a Pedro Duarte em Uruguaiana. Porém antes da junção ter êxito o major Pedro Duarte acabou cercado pelas tropas do presidente uruguaio General Venâncio Flores em Jataí:

"Em 17 de Agosto as tropas de Pedro Duarte foram cercadas pelo exército de Flores, que tinha sido reforçado por mais de 4 mil homens do General Paunero, 1,4 mil cavaleiros de Juan Madariaga e 1,2 mil infantes de Simeón Paiva. As tropas de Duarte não contavam com mais de 3 mil homens mal equipados e famintos. O resultado do embate foi terrível para os paraguaios, mais da metade de seu efetivo foi morto em combate e o restante foi feito prisioneiro." (GAZOLA, 2017, p. 23)

A vitória sobre as tropas de Pedro Duarte deu novo ânimo as forças aliadas. Estigarríbia, ao tomar ciência da derrota em Jataí, ordenou uma retirada de Uruguaiana, contudo ao iniciar a evacuação da vila foi cercado pelas tropas do Gen Canabarro e forçado a retornar para a cidade, dando início ao cerco de Uruguaiana (GAZOLA, 2017):

"Após dias de bombardeios efetuados por 54 peças de artilharia e quando mais de 17 mil aliados estavam prontos para o assalto final, o comandante paraguaio enviou um emissário, o Major Ibañez, que comunicou ao comandante brasileiro a rendição paraguaia mediante algumas condições." (GAZOLA, 2017, p. 23, apoud **LIMA, 2016, p. 194**)

2.1.1.3 Mobilização do 1° Corpo de Exército

Como mencionado anteriormente, as tropas imperiais sob o comando do Gen Osório no Uruguai estavam extremamente desgastadas e desassistida logisticamente pela capital. Ao ser nomeado comandante do 1° Corpo de Exército Osório buscou de imediato solucionar as carências para que pudesse

iniciar a marcha até Corrientes. "Para prover as tropas, Osório comprou em Montevidéu tudo o que lhe pareceu indispensável e urgente, por iniciativa própria e sem a aprovação do Governo." (LACERDA, 2015, p. 172).

Comandando o 1° Corpo de Exército Osório partiu de Montevidéu em maio de 1865, com destino a Corrientes na Argentina. Ao chegar em Corrientes em dezembro do mesmo ano Osório montou uma base de operações na região de Laguna Brava a fim de reorganizar o Corpo de Exército e estruturar a logística que até então estava deficitária. Segundo AMARAL (2017, p. 9) durante o deslocamento até Corrientes Osório recebeu diversos efetivos vindos do Brasil com os mais variados níveis de organização, preparo e material. Desde a saída no arredores de Montevidéu até a chegada em Corrientes o 1° Corpo de Exército recebeu cerca de 29 mil combatentes das mais diversas regiões do Império, saindo de um efetivo de pouco mais de 8 mil soldados para um efetivo de 38 mil, ou seja, 470% maior que no início da mobilização.

Amaral (2017) ressalta que esse acréscimo significativo de pessoal intensificou outro problema, a deficiência na logística. Com mais homens havia uma maior demanda de mantimentos, fardamento, armamento e munição, coisas que já estavam em falta desde a saída no Uruguai. No que tange a alimentação a saída arranjada por Osório foi arrebanhar todo o gado que encontrasse no caminho de Montevidéu à Corrientes.

"Durante a marcha, ficou a alimentação restrita, basicamente, a carne, muito gorda e abatida no local de consumo, o tradicional churrasco gaúcho. Esta alimentação monótona, estranha aos efetivos oriundos do sudeste e norte do Brasil, causou problemas de disenteria nestes militares." (AMARAL, 2017, p. 11)

Após a chegada em Corrientes e o estabelecimento das tropas naquela cidade foi possível normalizar a situação de abastecimento dos mantimentos bem como preparar uma reserva para a fase seguinte, a invasão ao Paraguai (AMARAL, 2017).

Em virtude da grande diversidades de tropas imperiais em Corrientes, (Exército, Guardas Nacionais e Corpo de Voluntários da Pátria) os uniformes e armamentos utilizados pelas tropas não eram padronizados e segundo Amaral (2017), isso trazia um grande problema logístico, pois eram necessárias diferentes calibres de munições para abastecer o Corpo de Exército. Para sanar o problema de falta de munição e de materiais militares Osório ordenou que fossem criadas oficinas para a fabricação de cartuchames :

"Até 19 de janeiro de 1866, esta instalação produzira 310.00 (trezentos e dez mil) cartuchos de infantaria (espingardas e carabinas), 1.041.000 (um milhão e quarenta e uma mil) cápsulas fulminantes, 410.000 (quatrocentos e dez mil) cartuchos de clavina e 300.000 (trezentos mil) de pistola para a cavalaria." (AMARAL, 2017, p.15)

Apesar de todo o esforço de Osório para minimizar os problemas de logística, a cavalaria imperial ainda carecia de animais, uma vez que não foi possível conseguir forragem em quantidade suficiente e o pasto da região não era capaz de atender as necessidades da tropa. "Não fosse a pobreza dos meios de mobilidade do Exército e dos Aliados como um todo, a guerra poderia ter terminado com o aproveitamento do êxito sobre as tropas de López após Tuiuti." (AMARAL,2017, p.17)

2.1.2 Início da guerra

2.1.2.1 Ofensiva aliada

Barroso (1938) relata que no início do século XIX o governo paraguaio era extremamente autoritário, por esse motivo o conhecimento aliado acerca do território inimigo era muito escasso. Após as ofensivas de "Passo de La Pátria" e a consequente invasão aliada ao território paraguaio em abril de 1866, os líderes aliados encontraram certa dificuldade de deslocar seus meios e de manobrar as tropas, devido ao desconhecimento do terreno que hora se apresentava:

"O objetivo dos Aliados é aniquilar o poder militar do ditador paraguaio. Para isso, precisam invadir-lhe o território. A maior dificuldade que vão encontrar reside no desconhecimento da topografia da região onde se devem desenrolar as operações de guerra. Não existe uma carta do Paraguai. Seus tiranos jamais consentiram que se fizesse ali o menor levantamento. (Barroso, 1938. p 261)

Após o desembarque das tropas aliadas em "Passo de la Pátria" Solano Lopez ordenou que suas tropas retraíssem para o interior do Paraguai, onde eles teriam mais vantagens, uma vez que eram exímios conhecedores da região. Após a tomada de "Passo de la Pátria" os aliados montaram uma base de operações em Esteiro Bellaco a fim de reorganizar a logística para a perseguição às tropas paraguaias. Com o intuito de manter o contato com essas tropas, cerca de 3.500 homens, sendo 1.600 uruguaios e 1.900 brasileiros, sob o comando do General Flores preparavam-se para partir em missões de reconhecimento dentro do território inimigo. Contudo, antes que estivessem prontos para partir o acampamento aliado fora atacado pelas tropas do Coronel José Eduvigis Díaz,

que contava com cerca de 4 mil soldados e uma bateria de artilharia. Pega de surpresa, a vanguarda de Flores revidou o ataque, porém como a maioria de seus oficiais encontravam-se ausentes preparando-se para a partida a tropa ficou desorientada (LACERDA, 2015).

Ao tomar ciência do ataque que a vanguarda estava sofrendo, Osório, liderando as tropas que estavam à retaguarda, rechaçou os ataques paraguaios. A presteza em contra atacar os inimigos e a coragem de Osório em liderar o ataque renderam-lhe diversos elogios, como relata LACERDA (2015, p. 182) "No combate, Osório conquistou, conforme relato do Coronel Conesa (argentino), 'a maior glória desta jornada e o apreço de todo nosso Exército'." Ao final do ataque foram contabilizadas algo em torno de 2.500 baixas do lado paraguaio e 1.500 do lado aliado.

Após a Batalha de Esteiro Bellaco as tropas aliadas ainda careciam de reorganizar a logística, uma vez que pouco podiam conseguir da região ocupada, já que quase não haviam áreas povoadas. Segundo Barroso (1938. p 277) "durante mais de uma quinzena, os Aliados montaram sua base de operações e ocuparam-se em reconhecimentos e descobertas do terreno inteiramente desconhecido. As canhoneiras imperiais batiam o rio."

Ao amanhecer do dia 20 de maio os aliados levantaram acampamento e seguiram até uma região à norte de Esteiro Bellaco, um pouco mais elevada que os pântanos que a circundavam, tendo a Lagoa Pires a oeste e o Estreito Rojas a leste, conhecida como TUIUTI (BARROSO, 1938).

2.1.2.2 Batalha de Tuiuti

Devido às péssimas condições do terreno em solo paraguaio desde o início das ofensivas o exército aliado estava encontrando dificuldade em deslocar seus meios logísticos e de apoios. Segundo Barroso (1938) não eram raras as vezes que as tropas de artilharia tinham seus canhões atolados nos pântanos da área de operações. Em virtude das péssimas condições de trafegabilidade e do desconhecimento do terreno e das posições inimigas os comandantes decidiram, por novamente montar um novo acampamento em Tuiuti e realizar novos reconhecimentos procurando as melhores vias de acesso para o prosseguimento. Calejados da experiência de Esteiro Bellaco, quando a não preparação de uma posição defensiva possibilitou um ataque surpresa por parte dos paraguaios, desta vez os aliados preparam suas posições para evitar um novo ataque surpresa.

"Flôres acampa com a vanguarda deante da mata misteriosa. Apoia-o o glorioso 1. Regimento de artilharia a cavalo, o celebre Boi de Botas, comandado pelo tenente-coronel Emilio Mallet, de prontidão permanente, com as baterias em posição por trás dum fôsso largo e profundo, cavado no silencio noturno e sem respaldo ou parapeito, de modo que não podia ser suspeitado pelo inimigo." (BARROSO, 1938, p. 278)

As patrulhas aliadas levantaram a existências de uma posição defensiva montada pelos paraguaios a norte de Esteiro Rojas, possibilitando ao comandante das tropas aliadas, Gen Mitre, planejar um ataque para o dia 25 de maio. Ao tomar ciência das intenções aliadas Solano Lopez ordenou que fosse executado um ataque as posições inimigas na manhã do dia 24, ataque este que se bem sucedido expulsaria os aliados de volta para o lado argentino e mudaria o curso da guerra em favor do Paraguai (ROSTY, 2017).

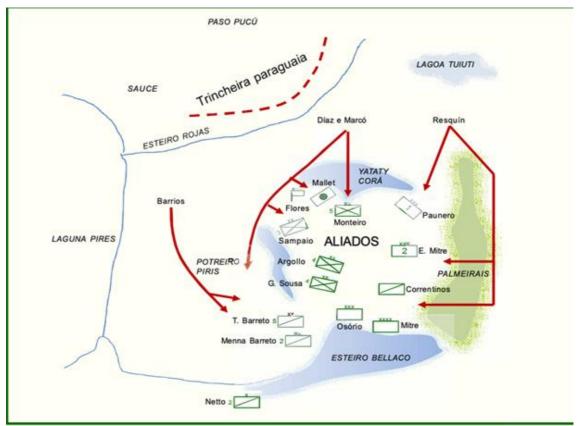


FIGURA 3 – Ataque Paraguaio em Tuiuti

Fonte: Lacerda, 2015

Os aliados estavam dispostos da seguinte forma, na vanguarda estavam as tropas do comandante uruguaio Flores, composta por brasileiros e pelos seus contemporâneos, logo atrás encontrava-se o 1º Regimento de Artilharia a Cavalo comandado pelo Tenente-coronel Mallet, conhecida como artilharia revólver. A esquerda de Mallet e logo atrás da artilharia castelhana encontrava-se a 6a Divisão brasileira. Atrás dos uruguaios a 3ª Divisão de Sampaio encerrava o

primeiro escalão. Ao sul do primeiro escalão as tropas da 1ª e a 4ª Divisões, mais a 19ª Brigada Auxiliar, como segundo escalão. O terceiro escalão era composto pela 2ª Divisão de Cavalaria, do Gen Menna Barreto, e pela 5ª Divisão de Cavalaria, além do 7° e do 24° Batalhões de Voluntários da Pátria. À direita fechavam o dispositivo o 1° e 2° Corpos Argentino, sob o comando dos Gen Paunero e Emílio Mitre, Irmão de Bartolomeu Mitre. A artilharia argentina ocupava o centro do dispositivo com a cavalaria argentina mais a retaguarda (LACERDA,2015).

Lacerda (2015), nos trás que Solano Lopez dividiu suas tropas no terreno da seguinte forma: Barrios comandando 6 mil homens atacaria à direita, ao centro 9 mil homens dividiram-se em duas colunas, uma sob o comando de Diaz e outra sob o comando de Marco. À esquerda Resquín comandava um pouco mais de 8.500 soldados. Em Humaitá Lopez deixou uma reserva de 10 mil soldados, que não foram utilizados.

TABELA 1 - Efetivos da Batalha de Tuiuti

| EFETIVO | ALIADOS | | | PARAGUAI |
|------------|----------|-----------|---------|----------|
| | BRASIL | ARGENTINA | URUGUAI | |
| INFANTARIA | 21.000 | 10.600 | 1.400 | 24.200 |
| CAVALARIA | 600 | | | 8.400 |
| ARTILHARIA | 50 PEÇAS | | | 4 |
| FERIDOS | 2.935 | | | 7.000 |
| MORTOS | 996 | | | 6.000 |

Fonte: Hypercultura

Segundo Gonçalves (2009), Solano Lopez havia planejado seu ataque para iniciar as 0900 horas da manhã, porém as tropas de Barrios tiveram dificuldades em cruzar os pântanos que circundavam a posição aliada, fazendo com que as 1150h, enquanto os aliados preparavam-se para o almoço, um projétil de canhão caísse no meio do acampamento aliado. Era o sinal para o início do ataque.

Lacerda (2015) diz que enquanto as tropas aliadas corriam para se preparar para o combate a cavalaria paraguaia, liderando os mais de 20 mil

soldados de Solano Lopez, investia contra vanguarda aliada. Ao mesmo tempo que realiza o ataque frontal, Solano Lopez ordenou que Barrios atacasse as tropas brasileiras à esquerda enquanto Resquín atacaria os argentinos a direita. Esse ataque surpresa acabou por dizimar os batalhões uruguaios, forçando a vanguarda aliada a recuar. O ataque inicial só não foi mais bem sucedido graças ao coronel Mallet, que atento ordenou que sua artilharia "revólver" abrisse fogo contra o inimigo, cortando-lhes o ímpeto do ataque. Como estava a algumas dezenas de metros da artilharia brasileira, Cel Diaz ordenou que a cavalaria paraguaia ataque a posição do 1° Regimento de Artilharia. Porém o comandante paraguaio não contava com o fosso construído nas noites anteriores, que acabou por segurar todas as cargas realizadas pela cavalaria inimiga:

"No momento do ataque aos brasileiros, a cavalaria paraguaia chegou a ficar a 50 metros das tropas brasileiras, mas na frente dela havia um fosso que o coronel Mallet, comandante da Artilharia brasileira, mandara cavar e o fogo dos canhões "La Ritte" que dizimara a tropa que tentava realizar uma desesperada carga contra a posição brasileira. "(LACERDA, 2015, p. 184)

Apesar da surpresa e da confusão que se abatera sobre o acampamento aliado, o ataque paraguaio não obteve sucesso sendo repelido pelos defensores. Mesmo sendo conhecedores do terreno, o exército de Solano teve dificuldades para transpor os terrenos lamacentos do Teatro de Operações, fazendo com que os cavalos atolassem e perdessem uma das suas maiores vantagens em combate, a rapidez no ataque. Essa demora em transpor os pântanos deu tempo para que as tropas aliadas se organizassem e começassem a contra-atacar (HYPERCULTURA).

Devido à inoperância do Gen Mitre, Osório assumiu o comando das tropas aliadas e começou coordenar a defesa e o contra-ataque. Ao ver que os batalhões orientais estavam sendo dizimados pelo Cel Diaz, Sampaio, a frente da sua 3ª Divisão, Divisão "ENCOURAÇADA", foi em socorro o Gen Flores contra-atacando os paraguaios que buscavam furar a defesa aliada. Com muita dificuldade Sampaio conseguiu segurar o avanço da tropa de Diaz, porém não resistiu aos diversos ferimentos recebidos sendo substituído por Jacintho Machado Bitencourt. Apesar de ter sido ferido mortalmente em Tuiuti, a importância do Gen Sampaio para o sucesso de Tuiuti é inquestionável, conforme relatos de Dionísio Cerqueira em *Reminiscências da Campanha do Paraguai* e transcrito por Cláudio Skora Rosty ressaltando a coragem, iniciativa e vigor do comandante da 3ª Divisão:

"[...] Quinze dias depois, teve lugar uma grande batalha entre o nosso batalhão de voluntários e dois batalhões paraguaios, que nos surpreenderam entre dois banhados. Felizmente, os nossos inimigos tinham pela frente um general como Sampaio. Este bravo, sondando o perigo, e vendo que a nossa vitória dependia de ação a ferro-frio, o que era impossibilitado pelo banhado de nossa vanguarda, que nos separava da força inimiga, e querendo que os paraquaios passassem o banhado para o nosso lado, mandou tocar retirada e recuou, como fugindo... Os paraguaios passaram todos e nos foram perseguindo até termos pela retaguarda o outro banhado. Aí o general formou com rapidez o batalhão e mandou fazer fogo, carregando sempre contra o inimigo... A refrega foi tremenda! Os paraguaios, duas vezes mais em número do que os nossos, fraquearam, ou porque as nossas armas fossem melhores, ou porque o batalhão de voluntários, tendo na vanguarda um general daquela têmpera, os terrorizava. O certo é que iam eles, recuando deixando o campo alastrado de cadáveres dos seus soldados, como também dos nossos." (Rosty, 2017. P. 15)

Ao perceber que 3ª Divisão estava tendo dificuldade em segurar os sucessivos ataques inimigos Osório ordenou que duas brigadas, uma da 1ª Divisão e a outra da 4ª Divisão, reforçassem a divisão Encouraçada no flanco esquerdo das tropas em 1° escalão. Dessa forma Osório fechou as brechas existentes entre as tropas de vanguarda, barrando o ataque inimigo (LACERDA, 2015).

Simultaneamente aos ataques desencadeados por cel Diaz na vanguarda aliada, Gen Barrios iniciava seu ataque as posições defendidas por General Antonio Netto, em Potreiro Pires, no flanco esquerdo da posição aliada. No início o ataque vinha logrando êxito pois havia conseguido penetrar a defesa obrigando as tropas de Antonio Netto a recuar. Ao perceber o avanço das tropas inimigas em Potreiro Pires, Osório ordenou que o Gen Mena Barreto reforçasse as posições de Antonio Netto com sua 2ª Divisão de cavalaria e assumisse o comando da defesa daquela área. Com essa manobra, Osório mais uma vez frustrou os planos de Solano López, ao deter as tropas de Barrios que avançavam por aquela região (BENTO, 2016).

Concomitantemente aos ataques de Diaz e Barrios, o Gen Resquín liderou um ataque contra as tropas argentinas posicionadas no flanco direito da posição aliada, obtendo uma vantagem sobre as fraca cavalaria argentina estacionada naquela região. Após obter vantagem sobre a cavalaria argentina, Resquín ordenou um ataque contra as tropas do Gen Paunero, que defendiam o flanco esquerda da posição argentina. Contudo, após lograr êxito sobre Paunero e atingir sua artilharia, as tropas de Resquín foram repelidas pela infantaria argentina (LACERDA, 2015).

Dessa forma as 1630h, após terem rechaçados os ataques nas três frentes os aliados venceram a batalha de Tuiuti, graças a liderança dos comandantes brasileiros e a iniciativa do Gen Osório, que mesmo não sendo o comandate geral das tropas aliadas, assumiu o comando e orquestrou com maestria uma defesa em profundidade que culminou com a derrota do inimigo, conforme relatado por Dionísio Cerqueira em *Reminiscências da Campanha do Paraguai* e transcrito por Cláudio Skora Rosty:

[...] tínhamos a nossa frente, o grande Osório, que surgia como um semi-deus, nos momentos mais críticos, levando consigo a vitória. Ouvi, e narro com ufania, soldados feridos, estorcendo-se nas vascas da agonia, levantarem-se a meio, com a auréola da morte dourando-lhes os cabelos empastados de sangue, murmurarem em voz desfalecida, quando ele passava: "Viva o general Osório!... Viva Osório!" (Rosty, 2017. P. 15)

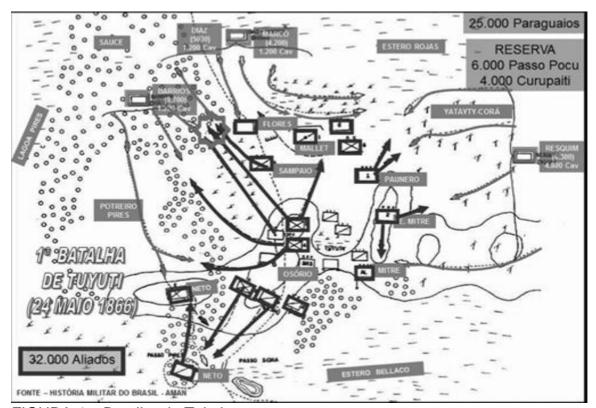


FIGURA 4 – Batalha de Tuiuti

Fonte: Rosty, 2017

2.1.2.3 Pós Batalha de Tuiuti

Após a Batalha de Tuiuti, a cavalaria Aliada, que já encontrava-se quase toda desmontada antes do conflito, estava praticamente toda a pé, forçando as forças aliadas a permanecer em Tuiuti, a fim de reorganizar seus exércitos. Os comandantes aliados viram também, que era impossível prosseguir em um aproveitamento do êxito às das tropas enfraquecidas de Solano Lopez, pois além

das tropas de cavalaria e artilharia estarem apeadas, o desconhecimento do território inimigo tornara-se um impecilho tático e logístico.

Aliado à necessidade de reorganizar a logística aliada, as forças brasileiras sofreram pesadas baixas em seus altos escalões. A primeira baixa foi a do Gen Sampaio, que durante o ataque paraguaio sofrera múltiplos e mortais ferimentos enquanto liderava a 3ª Divisão de Exército para conter os avanços inimigos na vanguarda aliada. Após o término da batalha, as tropas brasileiras sofreram outra grande baixa, quando em meados de julho o Gen Osório, comandante do 1° Corpo de Exército e o maior responsável pela vitoriosa defesa em Tuiuti, teve que ser evacuado para o Brasil, devido ao precário estado de saude em que se encontrava. Do lado paraguaio, Solano Lopez foi obrigado a recuar suas tropas após as enormes baixas sofridas em Tuiuti, passando a guarnecer seus fortes e adotando uma postura defensiva em suas operações (EXÉRCITO BRASILEIRO).

Após um pouco mais de um mês de paralização nas operações ao final da batalha em Tuiuti, ambos os lados reiniciaram os movimentos. Do lado paraguaio, Solano Lopez ordenara que fossem realizadas incursões contra as tropas aliadas, afim de retardar sua reorganização e dar mais tempo de preparação para as suas tropas que encontravam-se aquarteladas nos fortes (EXÉRCITO BRASILEIRO).

Do lado aliado, após a chegada do 2° Corpo de Exército, sob o comando do Barão de Porto Alegre, ficou decidido que atacariam as posições inimigas em Curuzu e Curupaiti, com o intuito de chegar em Humaitá. No 1° dia de setembro iniciaram os ataques a Curuzu, sendo tomada após alguma horas de embate. Contudo, Porto Alegre decidiu não investir contra Curupaiti devido ao desconhecimento da região e ordenou que suas tropas acampassem em Curuzu. Dias depois, Mitre, comandante em chefe das forças aliadas, resolveu liderar o ataque a Curupaiti. Porém, devido aos inúmeros obstáculos lançados pelo inimigo e pelos intensos fogos de artilharia sobre os mesmo acabou ordenando o retraimento geral de suas tropas, no que foi a primeira derrota aliada na guerra. A derrota evidenciou uma divisão entre os vários comandantes que ali se encontravam, acarretando em uma nova pausa nos conflitos (EXÉRCITO BRASILEIRO).

A fim de centralizar o comando das tropas brasileiras em um só comandante, Luis Alves de Lima e Silva, o Marquês de Caxias, foi nomeado

comandante-em-chefe de todas as forças nacionais em território paraguaio em 10 de outubro de 1866, chegando no acampamento aliado em Tuiuti em 18 de novembro do mesmo ano. Já recuperado de sua doença, Osório foi nomeado comandante do 3° Corpo de Exército no dia 20 de outubro de 1866 (EXÉRCITO BRASILEIRO).

Ao deixar o comando das tropas aliadas no T.O. em 9 de fevereiro de 1967 para retornar para Argentina, o Gen Mitre passou o comando do exército aliado para o Marquês de Caxias, que imediatamente buscou reorganizar as forças aliadas, melhorando os hospitais de campanha, padronizando e ministrando instruções para todo o efetivo e buscando melhorar a moral da tropa que encontrava-se acampada. Caxias também ordenou a compra de balões para observação, visando aprimorar o reconhecimento do terreno inimigo (EXÉRCITO BRASILEIRO).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como pudemos observar durante a pesquisa bibliográfica a Guerra da Tríplice Aliança foi responsável pela modernização do exército e evolução das doutrinas terrestre.

O Exército Imperial passava por uma época de descrédito perante a sociedade e o governo, como consequência da participação de militares nas diversas revoltas no período regencial e ao grande número de portugueses ocupando os cargos de oficiais. Essa desconfiança acabou por refletir em baixos investimentos na força tanto em materias de emprego militar, quanto na logística e pessoal. Integrar as fileiras do Exército Imperial era tido como uma punição ao cidadão. As necessidades de uma força bélica presente foram supridas, no início do período Imperial, com a criação das Guardas Nacionais, essas pertencentes aos grandes "coronéis" que as empregavam conforme seus interesses. A Tríplice Aliança trouxe a necessidade de empregar as forças militares segundo os interesses do Império, indo contra as vontades dos comandantes das Guardas Nacionais. Com o término dos conflitos o prestígio dos militares para com a sociedade melhorou, de tal maneira que as maiores personalidades militares da época acabaram por enganjar-se na política tornando-se senadores.

A necessidade de ter uma Exército independete das Guardas Nacionais na Guerra da Tríplice Aliança fez com que o Exército Imperial recebesse significativos investimentos. Na área de pessoal houve um importante aumento do efetivo, uma vez que antes da Guerra o efetivo espalhado em todo território

nacional beirava 18 mil soldados e durante os conflitos subiu para mais de 50 mil combatentes com a criação dos 2° e 3° Corpos de Exércitos. Na área de materiais de emprego militar, a uniformização de armamentos e munições, facilitou a logística de abastecimento das tropas bem aquisição de balões de reconhecimento feita por Caxias auxiliou nos planejamentos e preparações das operações.

As doutrinas vigentes à época preconizavam o emprego das tropas em combates frontais contra o oponente, em terrenos amplos e conhecidos. Logo no início da invasão ao Paraguai um grande fator complicador surgiu, o desconhecimento aliado sobre o terreno inimigo. Não foram raras as vezes que a continuidade do combate foi interrompida devido a necessidade de se buscar informações sobre o terreno e o inimigo. Os reconhecimentos realizados após a Batalha de Tuiuti mostraram aos comandantes aliados a existências de fortes e trincheiras já préviamente preparadas pelas tropas de Solano López, tornando a guerra mais estática que a habitual, pois agora era necessário um minucioso estudo do terreno com a finalidade de atingir o inimigo onde ele encontrava-se mais fraco.

A não preparação de uma defesa na base de operações de Esteiro Bellaco infrigiu às tropas aliadas atraso na reorganização da logística. O ataque surpresa em Esteiro Bellaco deixou os camandantes aliados alerta para novas incursões inimigas, tanto que em Tuiuti as tropas da vanguarda fortificaram suas posições contra posíveis novas inestidas de Solano López. A preparação das posições defensivas em Tuiuti foi primordial para o sucesso aliado contra os ataques das tropas paraguaias. Graças aos obstáculos construídos, por ordem do Cel Mallet, a investida do cavalaria paraguaia sobre a vanguarda aliada foi rechaçada dando tempo para que o Gen Sampaio reforçasse a posição e impedisse a penetração da posição defensiva.

Vários foram os comandates aliados que se destacaram em Tuiuti, porém nenhum outro teve tanto destaque e importância quanto Osório. Apesar de ser comandante das tropas imperiais e não de toda a tropa aliada, Osório não se esquivou diante da omissão do Gen Mitre e de imediato começou a orquestrar a defesa, ordenando que as tropas em reserva reforçassem as posições que estavam mais enfraquecidas. Em razão das intervenções do Gen Osório as tropas aliadas novamente lograram êxito sobre o exército paraguaio. Essa derrota em Tuiuti foi primordial para o desenrrolar do conflito, já que as baixas

sofridas por Solano López praticamente dizimou o seu Exército, obrigando-o a assumir uma postura defensiva até o final da Guerra.

O problema de saúde enfrentado por Osório, após a Batalha de Tuiuti, deixou as tropas brasileiras sem um comandante único até a nomeação e chegada do Marquês de Caxias. Caxias chegou em Tuiuti com a missão de centralizar o comando das tropas Imperiais e reorganizar o Exército, porém com o retorno do Gen Mitre para Buenos Aires, Caxias assumiu o comando de todas as tropas aliadas e buscou de imediato reorganizar a logística, treinar os efetivos que encontravam-se acampados em Tuiuti e criar Hospitais de campanhas que pudessem tratar dos enfermos e moribundos. Caxias também buscou reequipar as tropas de cavalaria que encontravam-se sem cavalos, dando mobilidade para elas.

Apesar de ter passado a ofensiva depois da Batalha de Tuiuti, as tropas aliadas tiraram como ensinamento nas vitórias em Esteiro Bellaco e na própria Tuiuti a necessidade de ter uma logística muito bem estruturada, afim de dar suporte para as ações sem que se perdesse a velocidade necessária ao ataque ou que se tivesse que abdicar do aproveitamento do êxito, como ocorreu após Tuiuti, uma vez que as tropas hipomóveis encontravam-se quase todas apeadas, impossibilitando que se realizasse uma perseguição as tropas paraquaias.

Por fim, a criação dos Corpos de Voluntários da Pátria tinha como objetivo aumentar as forças nacionais em combate com cidadãos que voluntariamente decidissem participar da Guerra. Contudo, com o passar dos anos o efetivo dos batalhões passou a ser composto majoritariamente por escravos negros, que buscavam conquistar a liberdade após o retorno da Guerra ou por que eram enviados nos lugares de seus "senhores". Com o término da Guerra e o posterior retorno dos combates ao Brasil, muitos soldados que haviam lutado ao lado de escravos passaram a defender a abolição da escravatura.

4. CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo principal estudar a Guerra da Tríplice Aliança, com foco na Batalha de Tuiuti, buscando identificar quais foram as consequências desta Batalha para o Exército Brasileiro. Por se tratar de um tema histórico foi necessário elencar os seguintes objetivos específicos, seguindo um encadeamento lógico de raciocínio, a fim de localizar a Batalha de Tuiuti no tempo e entender o que acontecia no continente sul-americano no Séc XIX:

a) Entender o contexto histórico vigente à época;

- b) Entender os fatos que levaram à guerra;
- c) Apresentar como era constituído o Exército Imperial antes da Guerra da Tríplice Aliança;
- d) Entender como desenrrolou-se a Batalha de Tuiuti no contexto da defesa; e
- e) Identificar as consequências da Batalha de Tuiuti para o Exército Brasileiro num cenário de pós-conflito.

Desta forma vimos que a conjuntura política da época era muito instável, os países ainda estavam buscando conquistar as suas independências das metrópoles européias a fim de consolidar suas fronteiras. Essas tentativas de consolidação das fronteiras eram quase sempre realizadas através de conflitos bélicos entre os países. Com a Guerra da Tríplice Aliança não foi diferente, ela ocorreu devido à intenção de Paraguai de conseguir a tão sonhada saída para o mar, para que não precisasse depender de algum país vizinho para exportar ou importar suas mercadorias. O Paraguai já possuía a intenção de conquistar um porto a bastante tempo, por isso manteve um exército muito bem preparado e de tamanho considerável, principalmente se levarmos em consideração a extensão do seu território comparado com o do Brasil e da Argentina.

O Brasil, apesar de já possuir um tamanho continental à época do conflito, não possuía um exército com a mesma envergadura. As principais forças armadas eram as Guardas Nacionais, porém elas não pertenciam ao Estado, o que dificultava o seu emprego quando os interesses do Governo não coincidiam com os interesses dos comandantes das Guardas. Com a criação dos Batalhões de Voluntários da Pátria o Governo Imperial tentou diminuir essa dependência para com as Guardas Nacionais.

Mesmo com todas as dificuldades logísticas existentes quando da formação do 1° Corpo de Exército, sob o comando do Gen Osório, as tropas brasileiras foram responsáveis pela maior parte do exército Aliado que esteve em solo paraguaio. Várias foram as batalhas ocorridas na Guerra, mas a da Tuiuti foi a maior e de maior relevância, devidos aos efetivos envolvidos. Apesar do efetivos Aliados e Paraguaio serem semelhantes, o Paraguai saiu derrotado da batalha por mérito das ações dos comandantes brasileiros, que rapidamente inteviram e conseguiram repelir as investidas. Em razão da liderança dos comandantes brasileiros esta batalha também ficou conhecida como a "Batalha doa Patronos", pois graças ao seus desempenhos que os Gen Osório, Sampaio

e Ten Cel Mallet foram homenageados posteriormente como patronos das armas de Cavalaria, Infantaria e Artilharia, respectivamente.

A Batalha de Tuiuti não foi importante somente pelo protagonismo vivenciado pelos comandantes, mas também por que as baixas sofridas em combate incapacitou o exército de Solano Lopéz e o obrigou à adotar uma postura defensiva no restante da Guerra. As posições defensivas paraguaias, já preparadas anteriormente, aliadas ao desconhecimento do território inimigo obrigou os comandantes aliados à modificarem seus planejamentos para o combate, pois não era mais possível atingir o inimigo em ataques frontais, o estudo minucioso do terreno passou a ser indispensável. Outro ensinamento colido em Tuiuti foi a importância de uma logística bem estruturada, uma vez que se os exércitos aliados tivessem conseguido manter suas tropas de cavalaria abastecidas e supridas com a quantidade mínima de cavalos a Guerra poderia ter acabado logo após aquela Batalha, com uma perseguição exitosa às tropas de Solano López, que se retiravam derrotados do embate.

Essa pesquisa foi importante uma vez que Tuiuti foi a maior batalha campal do continente, na qual o Exército Brasileiro fez presente e foi um dos atores principais do conflito. Nesta pesquisa averiguamos como se deu a evolução da doutrina militar terrestre no Séc XIX e a mudança de patamar que o Exército Brasileiro teve dentro hieraquização das forças armadas, saindo de uma tropa que era vista como arruaceira e sem uniformização, para se uma tropa organizada, uniforme e que viria a se tornar protagonista no cenário nacional e internacional.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Maurício Braida do. A logística do exército imperial brasileiro na guerra da tríplice aliança contra Solano López. 2017. 41 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Especialização) em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina. 2017.

BARROSO, Gustavo. **História militar do Brasil.** São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938.

Batalha de Tuiuti: conheça a maior batalha campal da história da América do Sul. **HYPERCULTURA.** Disponível em: https://www.hipercultura.com/maior-batalha-campal-historia-america-do-sul/. Acesso em: 15 de maio de 2020

BENTO, Cláudio Moreira. **24 de Maio de 2016 - Sesquicentenário da Batalha de Tuiuti – a maior batalha campal da América do Sul.** Disponível em https://www.ahimtb.org.br/ BATALHA%20DE%20TUIUTI.pdf> acessado em 15 de abril de 2020.

BRASIL. Exército. EB.20-MF-10.103: Operações. 5. Ed.. Brasília, DF, 2017.

CANCIAN, Renato. Guerra do Paraguai - Tríplice Aliança entre Argentina, Brasil e Uruguai, 2006. Disponível em https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/guerra-do-paraguai-triplice-alianca-entre-argentina-brasil-e-uruguai.html acessado em 28 abril 2020.

CAVALCANTI, Maria Clara. **Independência da América Espanhola.** Disponível em https://querobolsa.com.br/enem/historia-brasil/independencia-da-america-espanhola acessado em 28 abril 2020.

CAXIAS, Luis Alves de Lima e Silva, Duque de. Exército em operações na República o Paraguay sob comando em chefe de todas as forças de S.Ex.o.Sr. Marechal-de-exército Luiz Alves de Lima e Silva. Rio de Janeiro: Typographia de Francisco Alves de Souza, 1877.

FERRER, Francisca Carla Santos. **A (re)organização do exército brasileiro na guerra do Paraguai.** RIFURG, 2005. Disponível em http://repositorio.furg.br/handle/1/200>, acessado em 15 de maio de 2020.

GAZOLA, Francisco Lucca. A organização e o emprego da cavalaria brasileira na Guerra da Tríplice Aliança, 2017. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Academia Militar das Agulhas Negras como parte integrante do Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharel em Ciências Militares. Resende. 2017.

GONÇALVES, Leandro José Clemente. **Tática do exército brasileiro na guerra do Paraguai entre 1866 e 1868**, 2009, 91 f. Trabalho de dissertação apresentado ao programa de conclusão de Pós-Graduação em História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Paulista. Franca. 2009.

Guerra da Tríplice Aliança VI – campanha de 1866-1870. **Exército Brasileiro.** Disponível em < http://www.eb.mil.br/exercito-brasileiro>. Acessado em 15 de maio de 2020.

LACERDA, Paulo Henrique Barbosa. **Introdução à história militar brasileira**. Disponível em https://www.academia.edu/40798581/INTRODUÇÃO_À_HISTÓRIA_MILITAR_BRASILEIRA acessado em 03 março 2020.

OLIVEIRA, Abrahão de. **A Curiosa História Por Trás Do Nome Voluntários da Pátria. São Paulo in foco,** 2014. Disponível em http://www.saopauloinfoco.com.br/voluntarios-da-patria/>. Acessado em: 15 de maio de 2020.

ROSTY, Cláudio Skora. Batalha de Tuiuti - Morte do herói de tamboril, Brigadeiro Sampaio. **Revista do Exército Brasileiro,** Rio de Janeiro, v. 153, n. 23, p. 11-22, 1° quadrimestre de 2017.

SALLES, Ricardo; ARRAES, Vera. Diário do Tenente-Coronel Albuquerque Bello. Notas extraídas de lembranças do autor sobre sua passagem na Guerra do Paraguai. Vol CXII. Rio de Janeiro, 2011.